

Vozes que desafiam: mulheres nas batalhas de rima e o protagonismo na cena hip hop de Goiânia

Emiliana Pereira dos Santos

¹PPGAS/UFG – GO

Palavras-chave: Hip hop; Mulheres negras; Antropologia.

1. Introdução

Era a manhã de 18 de novembro de 2025, durante a programação da Semana da Consciência Negra, promovida pela Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, quando o saguão principal do Palácio Maguito Vilela passou a ser ocupado por uma manifestação cultural historicamente associada às periferias urbanas: uma batalha de rima. O evento acontecia em diálogo com a exposição "Fragmentos do Real e do Sonho", do grafiteiro e artista visual negro Douglas Poderi, cuja produção artística afirma a resistência e a representatividade por meio de murais e telas marcados por cores, símbolos e referências às experiências da população negra. Enquanto as obras compunham o cenário da exposição, o DJ organizava seus equipamentos, os MCs se preparavam para o início das disputas e o público começava a formar a roda. Entre os participantes, apenas uma mulher: Flor do Cerrado.

À medida que a batalha se desenvolvia, servidores deixavam seus gabinetes, assessores interrompiam suas atividades, visitantes aproximavam-se para acompanhar as apresentações e trabalhadoras da equipe de limpeza permaneciam próximas à roda. Durante a performance de Flor do Cerrado, observei que um grupo dessas mulheres posicionou-se atrás da MC, acompanhando atentamente cada rima, registrando aquele momento com seus celulares e reagindo com entusiasmo ao final de cada improviso. A cena chamou minha atenção não apenas pela presença da cultura hip hop em um espaço institucional, mas pela intensidade com que aquelas mulheres negras acompanhavam outra mulher negra ocupando o centro da roda.

¹ ¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), no Grupo de Trabalho (GT) 085 – "Hip Hop e Antropologia: Construindo conhecimentos na Cena Social, Acadêmica e Política Brasileira!", realizada de 13 a 17 de julho de 2026, na Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil.

A Agência Assembleia de Notícias registrou o evento como parte da programação da Semana da Consciência Negra, destacando a iniciativa como uma ação de valorização da cultura hip hop. Na ocasião, ²Flor do Cerrado afirmou que as batalhas constituem "um espaço legítimo para construir conhecimento e falar sobre as nossas dores e o que acreditamos". Essa afirmação desloca a compreensão das batalhas para além do entretenimento, evidenciando-as como espaços de elaboração de experiências, produção de narrativas e construção de sentidos coletivos. Ao mesmo tempo, revela que a disputa travada nas rodas não se restringe ao improviso, mas envolve diferentes formas de reivindicação do direito à palavra e ao reconhecimento social(AGÊNCIA DE NOTÍCIAS, 2025).

Figura 1. “Formação da roda de rima no parlamento goiano”



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025.

A Figura 1 registra o momento de formação da roda de rima na Alego³, evidenciando a ocupação coletiva do espaço e a constituição da roda como lugar de escuta, disputa simbólica e interação entre artistas e público.

Foi a partir dessa experiência que uma questão passou a orientar esta pesquisa: o que acontece quando mulheres negras ocupam a palavra em um espaço historicamente masculinizado como as batalhas de rima? Mais do que competições de freestyle, essas rodas constituem espaços de produção cultural, sociabilidade e disputa simbólica, nos quais se negociam pertencimentos, legitimidades e formas de participação política. Como observa

² Flor do Cerrado é MC e artista da cena hip hop de Goiânia, atuando em batalhas de rima e em ações voltadas ao fortalecimento da participação das mulheres na cultura hip hop.

³ ALEGO - Assembleia Legislativa do Estado de Goiás.

Magnani (2002), os circuitos urbanos revelam modos particulares de apropriação da cidade e de construção de vínculos sociais. Nesse sentido, compreender as batalhas de rima implica deslocar o olhar da competição para as relações que se estabelecem entre artistas, público, território e práticas culturais.

Nessa perspectiva, compreender o hip hop como ação política implica reconhecer que seus diferentes elementos, entre eles as batalhas de rima, constituem espaços de elaboração de experiências sociais, produção de narrativas e enfrentamento das desigualdades. As rimas improvisadas tornam-se formas de interpretar o cotidiano das periferias, denunciar violências e afirmar identidades historicamente silenciadas. É nesse contexto que a participação das mulheres negras adquire centralidade analítica, uma vez que sua presença tensiona relações de poder, questiona as desigualdades de gênero presentes na própria cena hip hop e amplia as possibilidades de produção de conhecimento a partir de suas experiências.

Ao abordar a presença das mulheres negras nesses espaços, este trabalho dialoga com as contribuições de Lélia Gonzalez (1988), Patricia Hill Collins (2019) e bell hooks (2019), autoras que evidenciam como raça, gênero e classe constituem dimensões inseparáveis das experiências sociais das mulheres negras. Nas batalhas de rima, essas relações tornam-se visíveis tanto nas tentativas de deslegitimação da presença feminina quanto nas estratégias construídas pelas MCs para responder às violências simbólicas, afirmar sua permanência na roda e produzir novas formas de representação coletiva.

A batalha de rima realizada na Alego evidencia precisamente essa disputa. Ao ocupar o interior de uma instituição pública, artistas oriundos das periferias deslocaram fronteiras simbólicas e reafirmaram o hip hop como linguagem política, campo de produção de conhecimento e prática de resistência. A presença de Flor do Cerrado no centro da roda sintetiza esse movimento ao revelar que a palavra, quando compartilhada e reconhecida, transforma-se em instrumento de afirmação, pertencimento e disputa por direitos.

Este artigo apresenta resultados parciais da pesquisa de mestrado *Vozes que rompem silêncios: escutas de mulheres negras no rap goiano*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (PPGAS/UFG). Enquanto a dissertação concentra-se nas trajetórias de mulheres negras atuantes na cena do rap goiano por meio de entrevistas em profundidade e etnografia, este trabalho apresenta um

recorte da investigação ao analisar as batalhas de rima como espaços privilegiados para compreender o protagonismo feminino na cena hip hop de Goiânia.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter etnográfico, em desenvolvimento. O percurso metodológico articula observação participante em batalhas de rima realizadas em Goiânia, registros em diário de campo, conversas informais com artistas e organizadoras da cena, levantamento exploratório de batalhas de rima ativas na cidade, análise de registros audiovisuais e consulta a documentos institucionais produzidos pela Alego sobre a realização da batalha de rima durante a Semana da Consciência Negra.

Argumento que as batalhas de rima extrapolam a dimensão da competição artística e constituem espaços de produção cultural, elaboração de pertencimentos e disputa por reconhecimento. Quando mulheres negras ocupam o microfone, não disputam apenas uma batalha; reivindicam o direito à palavra em uma cena historicamente marcada pela predominância masculina, transformando a performance em prática política e produzindo formas de resistência que atravessam a cultura hip hop contemporânea. Como afirma bell hooks (2019):

Muitas vezes, a voz radical fala sobre a dominação está falando com aqueles que dominam. A presença deles muda a direção e a forma de nossas palavras. A linguagem é também um lugar de luta. (HOOKS, 2019, p. 73).

Assim, ao analisar as experiências construídas nas batalhas de rima em Goiânia, este artigo busca contribuir para os debates antropológicos sobre gênero, raça, cultura urbana e performance, evidenciando o hip hop como um campo de produção de conhecimento e de elaboração de epistemologias construídas a partir das periferias.

2. ⁴Hip Hop, batalhas de rima e antropologia

Neste capítulo, discute-se o Hip Hop como movimento cultural e político, compreendendo as batalhas de rima como espaços de produção de sociabilidades, performances e disputas simbólicas. Em seguida, analisa-se o protagonismo das mulheres negras na cena hip hop, articulando as discussões sobre gênero, raça, palavra e produção de conhecimento.

⁴ Hip Hop – Movimento cultural e político surgido no Bronx (Nova York) na década de 1970, organizado em torno dos elementos MC, DJ, breaking e grafite. Mais do que uma manifestação artística, constitui um espaço de produção de conhecimentos, sociabilidades e formas de resistência construídas por populações negras e periféricas (ROSE, 1994; COLLINS, 2024).

2.1 Hip Hop como movimento cultural, político e campo de produção de conhecimento

Compreender as batalhas de rima exige, inicialmente, compreender o hip hop para além de suas expressões artísticas. Desde seu surgimento nas periferias do Bronx, em Nova York, na década de 1970, o hip hop consolidou-se como um movimento cultural e político que articula música, dança, artes visuais e oralidade como formas de enfrentamento às desigualdades sociais, ao racismo e às diferentes formas de exclusão vivenciadas por populações negras e periféricas. Conforme destaca Tricia Rose (1994), o rap e os demais elementos do hip hop constituem práticas culturais que transformam experiências de opressão em linguagem estética, crítica social e ação política.

No contexto brasileiro, o hip hop adquire características próprias ao dialogar com as experiências das periferias urbanas, tornando-se um importante instrumento de denúncia das desigualdades, fortalecimento das identidades negras e produção de pertencimento. Mais do que uma manifestação artística, o movimento configura-se como um espaço de construção de memórias coletivas, circulação de saberes e afirmação de direitos, no qual jovens negros e periféricos encontram possibilidades de narrar suas próprias experiências e disputar representações historicamente produzidas sobre seus territórios (HALL, 2003; GILROY, 2001).

As letras de rap, as intervenções do grafite, a dança e as batalhas de rima constituem linguagens por meio das quais sujeitos historicamente marginalizados interpretam o mundo, elaboram experiências e constroem leituras críticas sobre a realidade social. Trata-se de epistemologias produzidas nas periferias, cuja legitimidade desafia modelos tradicionais de produção do conhecimento, frequentemente centrados nas instituições acadêmicas.

Essa compreensão aproxima-se da reflexão de Lélia Gonzalez (1988), ao afirmar que as experiências da população negra constituem formas próprias de interpretação da realidade brasileira. Também dialoga com Patricia Hill Collins ao afirmar que:

A cultura hip-hop é em si uma resposta da juventude negra e latina que teve acesso negado não apenas à educação universitária, mas também à educação básica, moradia adequada, atividades recreativas e aulas de música. Em vez de se tornarem seres derrotados e desprovidos de direitos, esses jovens criaram novas formas de arte a partir dos fragmentos que herdaram" (COLLINS, 2024, p. 245).

A reflexão de Collins amplia a compreensão do hip hop para além de sua dimensão artística, evidenciando-o como uma resposta coletiva às desigualdades estruturais e como

espaço de produção de conhecimento. No contexto das batalhas de rima em Goiânia, essa perspectiva permite compreender que a oralidade, a improvisação e a ocupação dos espaços públicos constituem práticas de resistência e afirmação política. É nesse cenário que as mulheres negras passam a disputar não apenas o microfone, mas também o direito de produzir narrativas sobre suas próprias experiências.

2.2 As batalhas de rima como campo antropológico

As batalhas de rima constituem uma das expressões mais dinâmicas da cultura hip hop contemporânea. Organizadas predominantemente em praças públicas, pistas de skate, terminais urbanos e outros espaços de circulação, essas rodas transformam o espaço urbano em lugar de encontro, sociabilidade e disputa simbólica. Embora sejam frequentemente compreendidas como competições de improviso, sua importância ultrapassa a dimensão artística, revelando formas particulares de ocupação da cidade e construção de relações sociais.

Sob a perspectiva da Antropologia Urbana, Magnani (2002) demonstra que os diferentes circuitos de sociabilidade constituem espaços privilegiados para compreender as práticas culturais e as formas pelas quais sujeitos produzem pertencimento no cotidiano das cidades. As batalhas de rima inserem-se nesses circuitos como territórios de encontro entre artistas, coletivos culturais, moradores das periferias e diferentes públicos que compartilham referências estéticas, políticas e afetivas.

Mais do que eventos culturais, as batalhas produzem redes de solidariedade, circulação de informações, fortalecimento de vínculos e elaboração coletiva de experiências. É nesses encontros que jovens compartilham narrativas sobre racismo, violência policial, desigualdade social, afetos, religiosidades, relações familiares e pertencimento territorial. A improvisação torna-se, assim, uma prática social que articula performance, memória, oralidade e crítica política.

Ao compreender a etnografia como um modo de produzir conhecimento a partir da experiência vivida, Peirano (2014) chama atenção para a importância de observar não apenas aquilo que é dito, mas também os gestos, os silêncios, as emoções e as relações produzidas durante o trabalho de campo. Essa perspectiva mostrou-se fundamental para esta pesquisa. Ao acompanhar diferentes batalhas de rima em Goiânia, tornou-se evidente que os acontecimentos mais significativos nem sempre estavam restritos às rimas. Eles também se

manifestavam nos corpos, nos olhares, nas reações da plateia, nas formas de ocupação do espaço e nas relações estabelecidas entre quem rimava e quem escutava.

3. Caminhos metodológicos: construir o campo, construir a escuta

Esta pesquisa insere-se na tradição da antropologia social e adota a etnografia como perspectiva teórico-metodológica para compreender as experiências de mulheres negras na cena hip hop de Goiânia. Mais do que um conjunto de procedimentos técnicos, a etnografia é entendida como uma prática de construção de relações, de produção compartilhada de conhecimento e de exercício permanente da escuta e da reflexividade (PEIRANO, 2014).

O campo desta pesquisa não foi constituído a partir do ingresso no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. Ao contrário, ele resulta de uma trajetória construída ao longo de muitos anos de participação em diferentes espaços da cultura hip hop. Minha aproximação com esse universo iniciou-se ainda na juventude, por meio da dança, quando o breaking ocupava lugar central nas manifestações do movimento em Goiânia. Naquele período, as batalhas de rima ainda não possuíam a visibilidade que alcançariam anos depois, mas a cultura hip hop já constituía um importante espaço de sociabilidade, expressão artística e pertencimento.

Minha inserção na cena hip hop goianiense foi construída ao longo dos últimos anos por meio da atuação como artista, gestora cultural e organizadora de atividades culturais na Alego. Essas experiências possibilitaram estabelecer relações de confiança com artistas, produtores culturais e coletivos da cena, favorecendo o desenvolvimento desta pesquisa.

Entendo que o bom texto etnográfico, para ser elaborado, deve ter pensadas as condições de sua produção, a partir das etapas iniciais da obtenção dos dados (o Olhar e o Ouvir), tal não quer dizer que ele deva se emaranhar na subjetividade do autor/pesquisador. Antes, o que está em jogo é a "intersubjetividade" - esta de caráter epistêmico -, graças à qual se articulam num mesmo "horizonte teórico" os membros de sua comunidade profissional. E é o reconhecimento dessa intersubjetividade que torna o antropólogo moderno um cientista social menos ingênuo (OLIVEIRA, 2000 p.28).

É nessa perspectiva que procuro construir esta etnografia, compreendendo que olhar, ouvir e escrever constituem momentos inseparáveis da produção antropológica do conhecimento.

Com a expansão das batalhas de rima em Goiânia, passei a acompanhar esse movimento inicialmente pelas plataformas digitais, especialmente YouTube e redes sociais,

acompanhando disputas realizadas em diferentes estados brasileiros. Posteriormente, a aproximação tornou-se presencial por meio da participação em eventos culturais, da atuação como artista e gestora cultural e da frequência em batalhas realizadas na cidade. Esse percurso permitiu conhecer artistas, coletivos e mulheres que hoje constituem interlocutoras fundamentais da pesquisa.

Entre os espaços acompanhados, a ⁵Batalha do Maranhas ocupa lugar de destaque. Mais do que um local de realização de disputas de freestyle, ela constitui um território de encontros, circulação de saberes e fortalecimento de vínculos entre artistas e frequentadores da cena hip hop goianiense. A aproximação ocorreu a partir do compartilhamento de experiências no campo da cultura e, ao longo dos anos, transformou-se em uma relação de amizade, parceria e diálogo permanente sobre arte, rap e políticas culturais. Flor do Cerrado, por sua vez, passou a integrar esse percurso a partir da realização da batalha de rima na Alego, momento que também marcou o fortalecimento de nossos diálogos sobre a presença das mulheres nas batalhas.

Figura 2. “Participantes da batalha de rima realizada na ALEGO”



Fonte: Galeria Alego

A figura 2 apresenta parte dos interlocutores desta pesquisa. Nela estão reunidos MCs, o ⁶DJ Dalsin, a MC Flor do Cerrado, a professora Fran Bandeira, produtora cultural da

⁵ Batalha do Maranhas; Coletivo cultural que realiza batalhas de rima semanalmente na Praça Universitária, em Goiânia, constituindo um importante espaço de sociabilidade e formação de artistas da cena hip hop goianiense.

⁶ DJ (Disc Jockey) – Responsável pela seleção e condução da base musical das batalhas de rima. Na cultura hip hop, o DJ é reconhecido como um dos elementos fundadores do movimento, articulando ritmo, musicalidade e performance.

⁷Batalha da Norocity, e a pesquisadora. O registro evidencia que o trabalho de campo foi construído por meio de relações de convivência, confiança e participação na cena hip hop goianiense. Essa inserção não representa apenas uma condição metodológica, mas também uma dimensão constitutiva da pesquisa, permitindo compreender as batalhas de rima a partir da experiência compartilhada com seus diferentes agentes.

Além da observação participante, a pesquisa mobiliza registros em diário de campo, fotografias, registros audiovisuais, conversas informais realizadas antes e após as batalhas, levantamento exploratório das batalhas de rima em Goiânia por meio de perfis públicos em redes sociais e análise de documentos institucionais relacionados à realização da batalha na Alego. Esses diferentes materiais não são compreendidos como fontes isoladas, mas como elementos que, articulados entre si, permitem construir uma compreensão mais ampla sobre a cena hip hop goianiense e sobre as formas pelas quais mulheres negras produzem protagonismo, reconhecimento e resistência nas batalhas de rima.

Assim, a escuta constitui não apenas um procedimento metodológico, mas a própria condição de produção deste trabalho. Escutar, neste contexto, significa reconhecer as batalhas de rima como espaços legítimos de produção de conhecimento, nos quais experiências, memórias, afetos e formas de resistência são compartilhados por meio da palavra, da performance e das relações construídas na roda.

4. A cena das batalhas de rima em Goiânia

As batalhas de rima consolidaram-se, nos últimos anos, como uma das principais formas de expressão da cultura hip hop em Goiânia. Realizadas predominantemente em espaços públicos, essas rodas transformam praças, pistas de skate, áreas de convivência e outros equipamentos urbanos em territórios de encontro, produção cultural e circulação de saberes. Mais do que competições de improviso, constituem espaços de sociabilidade nos quais jovens, artistas, moradores das periferias e diferentes coletivos culturais produzem vínculos, compartilham experiências e constroem formas de pertencimento.

A ocupação desses espaços revela uma dimensão importante da cena hip hop goianiense. Ao escolher praças e outros locais públicos para a realização das batalhas, os coletivos culturais reafirmam o direito à cidade e produzem formas alternativas de utilização

⁷ Batalha da Norocity – Coletivo cultural responsável pela organização da Batalha da Norocity, região noroeste de Goiânia. O coletivo atua na promoção da cultura hip hop, no fortalecimento das batalhas de rima e na valorização de artistas da cena local.

do espaço urbano. Como observa Magnani (2002), os circuitos de sociabilidade constituem importantes categorias analíticas para compreender como diferentes grupos organizam suas práticas culturais e produzem territorialidades específicas. Nas batalhas de rima, essas territorialidades são constantemente reconstruídas a partir dos encontros promovidos semanalmente em diferentes regiões da cidade.

O levantamento exploratório realizado nesta pesquisa identificou um conjunto de batalhas distribuídas por Goiânia, evidenciando a diversidade e a vitalidade da cena local. Entre elas destacam-se a Batalha do Maranhas, a ⁸Batalha da Paz, a ⁹Batalha da Sudoeste, a ¹⁰Zero Meia Ponte e a ¹¹Batalha das Minas, cada uma com características próprias, públicos específicos e formas particulares de organização. Embora possuam dinâmicas distintas, todas compartilham elementos fundamentais da cultura hip hop, como o improviso, a oralidade, a ocupação do espaço público e a valorização das experiências periféricas.

Entre esses espaços, a Batalha do Maranhas ocupa lugar central nesta pesquisa. Mais do que um local de observação, ela constituiu um importante território de construção do campo etnográfico. Foi nesse espaço que estabeleci relações com diferentes artistas e frequentadores da cena, acompanhando não apenas as disputas entre MCs, mas também os encontros, conversas e formas de sociabilidade produzidas antes e depois das batalhas. A permanência no campo permitiu compreender que as rodas de rima extrapolam a competição artística, funcionando também como espaços de acolhimento, formação política e fortalecimento das redes culturais da cidade.

Entretanto, a observação participante também evidenciou que a presença das mulheres ainda ocorre de forma desigual nesses espaços. Em diversas batalhas mistas, o número de homens supera significativamente o de mulheres participantes, realidade que torna ainda mais expressiva a presença feminina quando uma MC ocupa a roda. É justamente nesse contexto que iniciativas como a Batalha das Minas assumem relevância, ao promoverem espaços

⁸ Batalha da Paz – Batalha de rima realizada na Região Noroeste de Goiânia, constituindo-se como um espaço de expressão artística, fortalecimento das juventudes periféricas e promoção da cultura hip hop.

⁹ Batalha da Sudoeste – Batalha de rima organizada na Região Sudoeste de Goiânia, reunindo MCs, DJs e público em torno das práticas do freestyle e da valorização da cultura hip hop local.

¹⁰ Zero Meia Ponte – Batalha de rima realizada na Região Norte de Goiânia, reconhecida pela participação de jovens artistas e pela circulação de MCs de diferentes bairros da capital, fortalecendo a cena hip hop goianiense.

¹¹ Batalha das Minas – Batalha de rima protagonizada por mulheres, criada com o objetivo de ampliar a participação feminina na cultura hip hop, promovendo um espaço de escuta, fortalecimento, protagonismo e enfrentamento às desigualdades de gênero presentes nas batalhas tradicionais.

voltados ao fortalecimento da participação feminina e à construção de redes de apoio entre mulheres que atuam na cena hip hop.

As batalhas de rima constituem, assim, espaços privilegiados para observar a produção cotidiana da cidade, as dinâmicas culturais das periferias e os modos pelos quais mulheres negras constroem estratégias de permanência, visibilidade e protagonismo em uma cena historicamente marcada pela predominância masculina.

5. Quando mulheres negras ocupam o microfone: palavra, reconhecimento e resistência

Nas batalhas de rima, a presença das mulheres ainda é numericamente inferior à dos homens. Entretanto, quando uma mulher ocupa o centro da roda e assume o microfone, sua performance produz deslocamentos que ultrapassam a disputa artística. A palavra transforma-se em instrumento de afirmação identitária, enfrentamento ao racismo e ao sexismo e produção de novos significados sobre a presença das mulheres negras na cultura hip hop.

Durante o trabalho de campo, foi possível observar que a participação feminina mobilizava diferentes reações do público. Enquanto alguns homens respondiam por meio de rimas marcadas por estereótipos de gênero, muitas mulheres presentes acompanhavam atentamente cada verso, manifestando apoio e identificação com as narrativas apresentadas pelas MCs. Esse movimento ficou particularmente evidente durante a apresentação de Flor do Cerrado na batalha realizada na Assembleia Legislativa de Goiás.

Essa reação coletiva não pode ser compreendida apenas como apoio a uma participante específica. Ela revela processos de identificação construídos em torno da experiência compartilhada de mulheres que, ao verem outra mulher negra ocupando o centro da roda, reconhecem naquele corpo e naquela voz possibilidades de representação que historicamente lhes foram negadas. Ao longo do trabalho de campo, uma percepção tornou-se recorrente: quando uma mulher pega o microfone, a disputa deixa de ser apenas entre dois MCs. Ela passa a envolver o direito de permanecer naquele espaço, de responder às tentativas de silenciamento e de afirmar que a palavra também pertence às mulheres. A batalha continua sendo artística, mas torna-se igualmente política.

Essa dimensão foi particularmente evidente nas disputas entre homens e mulheres. Em diversas ocasiões, observou-se que parte das estratégias utilizadas pelos competidores homens

buscava questionar a legitimidade da presença feminina na roda, recorrendo a estereótipos relacionados ao gênero, ao corpo ou à capacidade técnica das MCs. Em resposta, as mulheres frequentemente deslocavam o foco da disputa, transformando essas tentativas de desqualificação em argumentos que denunciavam o machismo presente tanto na sociedade quanto na própria cena hip hop. A palavra improvisada tornava-se, assim, uma forma de resistência e de elaboração crítica da experiência vivida.

Figura 3. “MC Flor do Cerrado ocupa o centro da roda”



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025.

A figura 3 registra um momento da apresentação de Flor do Cerrado diante do público reunido no saguão da Assembleia Legislativa. A imagem evidencia a centralidade da performance na construção da batalha de rima. O microfone, a postura corporal, o olhar direcionado ao interlocutor e a atenção do público revelam que a disputa não se restringe ao improviso verbal, mas constitui um processo de afirmação política e simbólica. Um dos momentos mais marcantes da observação participante ocorreu durante a batalha realizada na Alego. Registrei em meu ¹²diário de campo:

Enquanto Flor do Cerrado rimava, as mulheres da limpeza deixaram seus afazeres e permaneceram atrás dela durante toda a batalha. Algumas gravavam com o celular. Outras sorriam e comentavam entre si cada resposta construída pela MC. Naquele momento compreendi que aquela disputa já não era apenas entre dois improvisadores. (Diário de campo, 18 nov. 2025).

¹² Diário de campo produzido pela autora durante a observação participante realizada na batalha de rima promovida pela Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, em 18 de novembro de 2025.

Ao ocupar o centro da roda, Flor do Cerrado representa não apenas sua trajetória individual, mas também a presença de mulheres negras que reivindicam reconhecimento em um espaço historicamente marcado pela predominância masculina.

As reflexões de hooks (2019) ajudam a compreender que a ocupação da palavra por mulheres negras constitui uma prática política de enfrentamento às estruturas de dominação que historicamente limitaram suas possibilidades de fala e representação.

Certamente, para as mulheres negras, nossa luta não tem sido para emergir do silêncio para a fala, mas para mudar a natureza e a direção da nossa fala, para fazer uma fala que atraia ouvintes, que seja ouvida. (HOOKS, 2019, p. 32-33).

Da mesma forma, Patricia Hill Collins (2019) demonstra que mulheres negras produzem conhecimentos situados a partir de suas experiências sociais, elaborando interpretações críticas sobre o mundo que habitam. Nas batalhas de rima, essas perspectivas tornam-se visíveis por meio da oralidade, da improvisação e da performance.

Mais do que competir, as MCs constroem narrativas sobre racismo, violência, desigualdade, maternidade, território, afetividade e resistência. Ao fazerem isso, ampliam os limites tradicionalmente atribuídos às batalhas de rima, transformando-as em espaços de elaboração coletiva de experiências e de produção de conhecimento. A palavra deixa de ser apenas recurso artístico para tornar-se instrumento de denúncia, afirmação identitária e construção de pertencimento.

Essa dimensão tornou-se especialmente evidente durante a realização da batalha de rima na Assembleia Legislativa do Estado de Goiás. Embora apenas uma mulher participasse da disputa, sua presença produziu efeitos que extrapolaram a competição. Ao acompanhar atentamente a performance de Flor do Cerrado, mulheres da equipe de limpeza permaneceram próximas à MC durante toda a atividade, registrando o momento com seus celulares, reagindo às rimas e manifestando entusiasmo ao final de cada apresentação. A observação dessa cena permitiu compreender que a potência da batalha não estava apenas na performance da artista, mas também na capacidade de produzir reconhecimento entre outras mulheres negras presentes naquele espaço. Essa compreensão também aparece na fala de Flor do Cerrado durante a batalha realizada na Assembleia Legislativa de Goiás:

É uma alegria estar aqui hoje, ainda mais no momento em que vivemos, em que as batalhas estão sendo proibidas de acontecer na praça. Nós estamos mostrando que esse é um espaço legítimo para construir conhecimento e falar sobre as nossas dores e

o que acreditamos (FLOR DO CERRADO, 2025, apud AGÊNCIA ASSEMBLEIA DE NOTÍCIAS, 2025).

A fala da MC sintetiza um dos principais argumentos deste artigo. Ao reivindicar a batalha de rima como espaço legítimo de produção de conhecimento, Flor do Cerrado desloca a compreensão do rap como mero entretenimento e o afirma como prática política, pedagógica e de resistência.

Nesse sentido, argumenta-se que o protagonismo feminino nas batalhas de rima não pode ser medido exclusivamente pelo número de mulheres participantes. Sua relevância manifesta-se, sobretudo, na capacidade de produzir deslocamentos simbólicos, ampliar possibilidades de representação e transformar a roda em um espaço de escuta, reconhecimento e construção coletiva de saberes. Quando uma mulher negra ocupa o microfone, ela não disputa apenas uma batalha: reivindica o direito de narrar sua própria história e de produzir conhecimento a partir de sua experiência.

6. Quando a periferia ocupa a instituição: uma etnografia visual da batalha de rima na Assembleia Legislativa de Goiás

Entre as diferentes experiências que compõem esta pesquisa, a realização da batalha de rima durante a programação da Semana da Consciência Negra na Assembleia Legislativa do Estado de Goiás constituiu um momento particularmente significativo para compreender as relações entre cultura hip hop, institucionalidade e protagonismo feminino.

Historicamente, as batalhas de rima em Goiânia acontecem em praças, pistas de skate, terminais de ônibus e outros espaços públicos, sobretudo em regiões periféricas da cidade. Esses territórios constituem lugares de encontro, circulação cultural e construção de redes de sociabilidade entre jovens, artistas e coletivos do movimento hip hop. Ao serem realizadas nesses espaços, as batalhas reafirmam o direito à cidade e transformam o espaço público em território de produção artística e política.

A realização de uma batalha de rima no saguão principal da Alego representou, nesse sentido, um deslocamento simbólico. Pela primeira vez, uma manifestação cultural produzida nas periferias ocupava um espaço tradicionalmente associado à política institucional. A atividade integrou a programação da Semana da Consciência Negra e foi organizada pela Assessoria Adjunta de Atividades Culturais, reunindo MCs, DJ, artistas visuais, servidores públicos e visitantes. Conforme registrado pela Agência Assembleia de Notícias, o evento

teve como objetivo valorizar a cultura hip hop e aproximar essa manifestação artística do público que circula cotidianamente pela instituição.

Figura 4. "Ocupação do espaço institucional pelo movimento hip hop"



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

A figura 4 permite visualizar a configuração espacial da atividade realizada no saguão do Palácio Maguito Vilela. A batalha de rima foi organizada no centro do espaço expositivo, cercada por servidores, visitantes e trabalhadores da Assembleia Legislativa que interrompiam suas atividades para acompanhar as apresentações. Ao fundo, observam-se as obras de artistas negros expostas em homenagem ao Mês da Consciência Negra, compondo um cenário em que diferentes linguagens artísticas, o grafite, as artes visuais e o rap, dialogavam entre si. A ocupação desse espaço por artistas da periferia evidencia o potencial do hip hop como prática cultural capaz de estabelecer pontes entre diferentes territórios sociais e institucionais.

Entretanto, foi durante a apresentação de Flor do Cerrado, única mulher participante da batalha, que uma cena passou a orientar minhas reflexões. Um grupo de mulheres da equipe de limpeza posicionou-se atrás da MC e permaneceu naquele lugar durante toda a sua performance. Registravam as rimas com seus celulares, comentavam entre si cada resposta construída e reagiam com entusiasmo ao final de cada improviso. Permaneceram até o encerramento da atividade, aproximando-se da artista para conversar e registrar fotografias.

Essa observação não permite afirmar que todas aquelas mulheres compartilhavam as mesmas interpretações sobre a batalha. Contudo, evidencia que a presença de uma mulher negra ocupando o centro da roda produziu formas de aproximação e identificação que merecem atenção antropológica. A performance de Flor do Cerrado não foi recebida apenas

como entretenimento; ela mobilizou afetos, reconhecimento e formas de pertencimento entre mulheres que também ocupavam, naquele espaço institucional, posições frequentemente invisibilizadas.

A realização desse evento também permitiu observar que o deslocamento promovido pela batalha não ocorreu apenas em relação ao espaço físico. Houve igualmente um deslocamento simbólico dos públicos que tradicionalmente frequentam esses eventos. Muitos servidores da Assembleia tiveram seu primeiro contato com uma batalha de rima naquele contexto, enquanto artistas e coletivos do hip hop passaram a ocupar um espaço institucional historicamente distante das práticas culturais das periferias. Essa aproximação evidencia o potencial das políticas culturais para ampliar o diálogo entre instituições públicas e manifestações artísticas produzidas por grupos historicamente marginalizados.

Ao refletir sobre essa experiência, compreendo que a batalha de rima realizada na Assembleia Legislativa não representou apenas a inserção do hip hop em uma instituição pública. Ela revelou a potência das práticas culturais periféricas para produzir encontros, deslocar fronteiras simbólicas e construir novos espaços de escuta. Quando uma mulher negra ocupa o microfone nesse contexto, sua presença transforma a roda em um espaço de produção de conhecimento, reconhecimento coletivo e afirmação de direitos, reafirmando o hip hop como prática cultural, política e pedagógica.

Considerações finais

Este artigo partiu da seguinte questão: como as mulheres negras constroem protagonismo e disputam o direito à palavra nas batalhas de rima da cena hip hop de Goiânia? Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente que essa presença não pode ser compreendida apenas em termos quantitativos ou pela ocupação física da roda. A participação das mulheres produz transformações nas formas de interação, na dinâmica das disputas, na constituição do público e nos processos de reconhecimento construídos durante as batalhas.

A observação participante permitiu compreender que, quando uma mulher ocupa o microfone, a batalha deixa de representar apenas uma competição de improviso. A palavra transforma-se em instrumento de afirmação identitária, enfrentamento ao racismo e ao sexismo e elaboração coletiva de experiências compartilhadas por outras mulheres negras presentes na roda. Nesse contexto, a performance ultrapassa a dimensão artística e assume

também uma dimensão política, pedagógica e epistemológica, produzindo conhecimentos que emergem das vivências periféricas e das experiências historicamente invisibilizadas.

A experiência da batalha de rima realizada na Assembleia Legislativa do Estado de Goiás tornou visível outro aspecto importante desta investigação. Ao deslocar uma manifestação cultural produzida nas periferias para o interior de uma instituição pública, foi possível observar novos encontros entre artistas, servidores e trabalhadores da Casa. Entre as diferentes cenas registradas durante o trabalho de campo, destacou-se a aproximação das mulheres da equipe de limpeza à apresentação de Flor do Cerrado. A intensidade com que acompanharam sua performance revelou que a potência das batalhas não se limita às disputas entre MCs, mas também à capacidade de produzir reconhecimento entre mulheres que compartilham experiências marcadas por desigualdades de raça, gênero e classe.

Nesse sentido, argumenta-se que o protagonismo feminino nas batalhas de rima não reside apenas na conquista de espaços anteriormente ocupados majoritariamente por homens. Ele manifesta-se, sobretudo, na capacidade de produzir deslocamentos simbólicos. Ao ocupar a roda, mulheres negras deslocam narrativas historicamente produzidas sobre seus corpos, seus territórios e suas vozes; ampliam as possibilidades de representação e reafirmam a palavra como instrumento de resistência, produção de conhecimento e transformação social.

Por tratar-se de uma pesquisa em andamento, este artigo apresenta resultados parciais de uma investigação mais ampla, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. As próximas etapas da pesquisa aprofundarão a análise por meio de entrevistas em profundidade e da continuidade do trabalho etnográfico com mulheres negras que atuam na cena do rap goiano, buscando compreender suas trajetórias, estratégias de permanência e formas de produção de conhecimento a partir de suas experiências.

Conclui-se, portanto, que as batalhas de rima constituem muito mais do que espaços de competição artística. São territórios de produção de memória, pertencimento, formação política e elaboração de epistemologias periféricas. Quando uma mulher negra ocupa o microfone, ela não reivindica apenas o direito de rimar. Ela afirma sua existência, produz conhecimento sobre sua própria realidade e convida outras mulheres a reconhecerem, naquela palavra, possibilidades de resistência, representação e transformação coletiva.

Mais do que responder à pergunta que orientou esta pesquisa, este trabalho reafirma a necessidade de reconhecer o hip hop como um campo legítimo de produção de conhecimento antropológico. Escutar as mulheres que constroem essa cena significa também ampliar os horizontes da própria Antropologia, incorporando saberes produzidos nas periferias, nas rodas de rima e nas múltiplas formas de resistência construídas cotidianamente por mulheres negras. Quando uma mulher negra ocupa o centro da roda, não é apenas uma batalha que começa. É uma nova possibilidade de contar a cidade, produzir conhecimento e reinventar quem tem direito à palavra. Mais do que disputar uma batalha de rima, essas mulheres disputam o direito de produzir conhecimento sobre si mesmas e sobre o mundo que habitam.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.
- AGÊNCIA ASSEMBLEIA DE NOTÍCIAS. *Palácio Maguito Vilela abrirá espaço à mostra "Fragmentos do Real e do Sonho"*. Goiânia: Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, 2 out. 2025. Disponível em: <https://portal.al.go.leg.br/noticias/158879/palacio-maguito-vilela-abrira-espaco-a-mostra-fragmentos-do-real-e-do-sonho>> Acesso em: 29 jun. 2026.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- COLLINS, Patricia Hill. *Do Black Power ao Hip-Hop: racismo, nacionalismo e feminismo*. São Paulo: Perspectiva, 2024.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 1998.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

ROSE, Tricia. *Black Noise: Rap Music and Black Culture in Contemporary America*. Hanover: Wesleyan University Press, 1994.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Fontes documentais

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS. **Apresentação de hip-hop integrou atividades da Semana da Consciência Negra**. Álbum fotográfico. Fotografias: **Hellenn Reis**. Goiânia, 18 nov. 2025. Disponível em: <https://portal.al.go.leg.br/galerias/20555/2025-11-18-apresentacao-de-hip-hop-integrou-atividades-da-semana-da-consciencia-negra>. Acesso em: 29 jun. 2026.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS. *Batalha de rimas no Palácio Maguito Vilela celebrou Semana da Consciência Negra*. Goiânia, 18 nov. 2025. Disponível em: <https://portal.al.go.leg.br/noticias/160543/batalha-de-rimas-no-palacio-maguito-vilela-celebru-semana-da-consciencia-negra> > Acesso em 28 de junho de 2026.

SANTOS, Emiliana Pereira dos. **Diário de campo, notas de observação participante e registros fotográficos da pesquisa**. Goiânia, 2025-2026. Acervo da pesquisadora.